

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

HISTÓRIA DO POSITIVISMO NO BRASIL.

A propósito de sua **História do Positivismo no Brasil** Ivan Lins recebeu honrosa apreciação de Monsenhor Castro Nery, da Academia Paulista, catedrático de filosofia em São Paulo e autor de notáveis livros, entre os quais se destacam uma primorosa tese sobre **Bergson** e um forte volume dedicado à **Evolução do Pensamento Antigo**.

É a seguinte a apreciação de Monsenhor Castro Nery sobre a **História do Positivismo no Brasil**:

São Paulo, 16 de abril de 1964.

Meu prezado e eminente amigo
Ministro Ivan Lins.

Agradecendo-lhe o livro que acaba de enviar-me, aqui ouso remeter-lhe algumas impressões de leitor.

Secretamente esperava eu que V. Exa. escrevesse algum dia uma **História do Positivismo no Brasil**. Não era mister ser profeta ao vaticinar para breve a data desse acontecimento literário. Pouco mais de trinta anos há, V. Exa. inaugurava as suas atividades de polígrafo, e inaugurava-as com uma tese sobre o **Crime, o criminoso e a responsabilidade, à luz da escola de Augusto Comte**. A partir desse momento, a sombra do filósofo parecia guiá-lo, através de tôdas as seduções do caminho, ao ponto em que hoje demora V. Exa., depois da última obra.

Metódicamente, V. Exa. não podia deixar de lado, desde o início, a figura de **Benjamin Constant** (1936) que parece ter plasmado não apenas os primeiros estadistas da República, mas também os educadores de várias gerações de brasileiros. Vieram depois os estudos sobre **Três abolicionistas esquecidos**, estudos nos quais se ressagravam os pontífices do "apostolado" ortodoxo em nossas terras (1938). Alguns anos depois, com persistência digna da causa foi a ocasião de mostrar aos brasileiros **A obra educativa do General Rondon** (1942).

Já então esperava V. Exa. oportunidade para condensar a sua vasta erudição sobre o assunto numa obra em que se expusesse a história do positivismo brasileiro. Aca-so não era tal o trabalho publicado em **Decimália?** Dir-se-á que V. Exa. não era "**homo unius libri**" e lhe sobrava tempo útil para se ocupar de **Lope de Vega, Tomás Morus, Ruiz de Alarcon, A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas, Descartes, Gonçalves de Magalhães**, para não falar em **Erasmus e seu tempo**, que leva a data de 1936, quando

a Academia Brasileira de Letras já o estava seduzindo. Mas em todos êsses trabalhos o que o preocupava eram talvez os antecedentes, os concomitantes e os consequentes do Positivismo ou êsses grandes vultos do pensamento e da arte à luz da escola positiva. Nem mesmo êsse formoso livro **Aspectos do Padre Antônio Vieira** fugira à trajetória do seu pensamento; o mais curioso daquela publicação, duas vêzes premiada pela curiosidade do leitor brasileiro, fôra exatamente o paradoxal de um velho jesuíta, contra o qual se haviam acumulado tantas prevenções, ser visto através do temperamento e da cultura positivista.

Assim já esperávamos essa **História do Positivismo no Brasil**; já lhe podíamos até marcar a data do **vient de paraître** em as nossas livrarias. Tôdas as achegas se encontravam prontas para o trabalho definitivo. Nada de **proles sine matre creata**, ou nada de improviso, com o qual não se levanta o edifício da história. Só lhe faltava o pretexto ocasional que lhe foi dado pela obra do Prof. João Cruz Costa, essa notável **Contribuição à História das Idéias no Brasil**, que veio mudar os nossos hábitos rotineiros de escrever a história da filosofia no Brasil.

Ao continuar e completar o livro do Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, V. Exa. não quis dar ao volume o péso, o fastio e a morrinha de certos cartapácios de história filosófica. Erudição ou seriedade não se confundem necessariamente com impressão de esforço ou ocasião de fastio. Seu livro faz a cobertura de quase um século de pensamento; a literatura compulsada é verdadeiramente de estarrecer aos pesquisadores ligeiros para os quais os filósofos devem imitar êsse prodigioso Georges Simenon, que duas vêzes por ano sacode o público mundial com as suas suspensões de Hitchcock e as suas alucinações de Conan Doyle.

Se o objetivo de V. Exa. foi "fazer o levantamento, até aqui em grande parte ignorado, do que haja sido entre nós, a penetração do Positivismo", êsse objetivo foi alcançado, e alcançado com grande êxito. Desde êsse histórico encôntro de alguns estudantes brasileiros com o próprio Augusto Comte, em Paris, nos meados do século passado, até os últimos anos do General Rondon e os seus continuadores brasileiros, nada de importante se omitiu. Nísia Floresta, o discurso do vintene Getúlio Vargas, a proclamação do General Rabelo, quando interventor em São Paulo, o prefácio de Afrânio Peixoto... nada escapou às lentes de aumento do historiador do Positivismo no Brasil. Nem mesmo um samba de Noel Rosa. Como um contador Geiger descobre a radioatividade nos corpos, assim V. Exa. ia detectando remanescentes do Positivismo.

na obra de Machado de Assis, Afonso Celso, Luís Murat, Euclides da Cunha, para falar apenas nos que me ficaram na lembrança.

Obra de maturidade, sem dúvida. Não concordei com o Autor em dizer que ela foi executada *sine ira et studio*. O amor não o impediu de criticar, nem lhe alterou as perspectivas da história. A antipatia não foi tanta que lhe permitisse falsear a verdade. Obras dêsse teor, que primassem pela ausência das mencionadas qualidades humanas, seriam possivelmente obras de história natural ou de estatística; não seriam obras de filosofia. E' por ter sido escrita com amor, onde amor cabia. e por ter sido escrita com alguma dureza, onde dureza se esperava, que a **História do Positivismo no Brasil** será lida amanhã, como é lida hoje: com gosto, com interesse crescente, quase com prazer renovado. Depois de 1964 (não é lisonja) ninguém mais se referirá ao Positivismo no Brasil sem ter antes citado a V. Exa.

Sua obra tem ainda uma qualidade. Ela torna o Positivismo bastante simpático, maximé aos cristãos. O elemento polêmico é menor do que em outros livros de V. Exa. Essas grandes linhas da penetração positivista no Brasil, êsse culto dos grandes valores, essa proscrição da discriminação racial, essa larga proteção à mulher, aos humildes, aos silvícolas, êsse movimento em prol de condições mais humanas para o trabalho, essa profunda solidariedade continental, para me referir apenas a alguns dos seus aspectos mais amáveis, são de molde a criar uma zona neutral de compreensão e auxílio recíproco entre positivistas e católicos. Uma polêmica, do mesmo tipo daquela que foi ferida entre o Abade Kruze e Luís Pereira Barreto, não teria hoje ressonância nem aplauso. V. Exa. tê-lo-á compreendido no momento em que colocou a política social do Papa João XXIII na mesma linha do progresso pelo qual anseava o grande fundador do Positivismo.

Que posso desejar-lhe de melhor, em terminando, além da saúde de V. Exa., do que fazer votos pela repercussão, no presente, e longa vida, no futuro, da sua obra? Na sua filosofia, segundo presumo, talvez não haja lugar para as orações. Mas há lugar, certamente, para os bons anelos e votos, com os quais amiúde se mesclam, na bôca dos cristãos, as preces. As minhas, são para que o meu eminente amigo continui sempre a dignificar a nossa geração com obras tão densas de conteúdo e tão belas de apresentação, como essa que acabo de ler e não acabarei nunca de louvar.

Seu constante leitor e amigo inútil

Ass. **JOSE' DE CASTRO NERY.**